

---

## “SÓ PODIA SER DAS POÇAS”: uma análise dos discursos veiculados por sites de notícias sobre as comunidades quilombolas de Nordestina/BA<sup>1</sup>

Grazielle Barbosa SILVA<sup>2</sup>  
André Luís Oliveira de SANTANA<sup>3</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Conc. do Coité, BA

### RESUMO

O artigo analisa o conteúdo veiculado por sites de notícias acerca das 12 comunidades quilombolas do município baiano de Nordestina, entre 2013 e 2019. A inquietação sobre o tema surge a partir da percepção de discursos (FIORIN, 2005) baseados em estereótipos (BHABHA, 2003) proliferados pela população da sede do município sobre a população quilombola. Buscou-se verificar os enquadramentos (ROTHERBERG, 2010) produzidos pelos sites de notícias sobre essas comunidades. A pesquisa configura-se como qualitativa e as informações foram coletadas em Grupos de Experiência (OLIVEIRA, 2017), além de entrevistas com moradores e Análise de Conteúdo (BARDIN, 2013).

**PALAVRAS-CHAVE:** Quilombos; Discurso; Enquadramento; Análise de Conteúdo; Webjornalismo.

### INTRODUÇÃO

A escravidão negra no Brasil foi um processo violento, pontuado por manifestações de resistência pelos sujeitos escravizados. As ações por parte dos africanos e descendentes para a ruptura manifestaram-se por meio de várias formas de revolta durante o longo tempo em que a escravidão existiu no Brasil (oficialmente até 1888). “O seu núcleo de resistência central é o quilombo como unidade organizacional e a quilombagem como processo de protesto radical permanente (SANTANA FILHO, GERMANI e GIUDICI, 2013, p. 160).

O presente estudo concentra-se nas reflexões acerca da construção dos quilombos e a identidade quilombola, e os discursos emitidos sobre povos e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Rádio e TV pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: [grazielle.rtv@gmail.com](mailto:grazielle.rtv@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Me. do Colegiado de Comunicação Social do Departamento de Educação, Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: [alosantana@uneb.br](mailto:alosantana@uneb.br)

comunidades remanescentes de quilombos, de maneira particular, sobre os discursos jornalísticos produzidos sobre as 12 comunidades quilombolas de Nordestina, município baiano, localizado no Território de Identidade do Sisal.

Esta pesquisa iniciou em 2017, a partir do projeto “Experiência, formação e práticas curriculares em escolas quilombolas no Território do Sisal”<sup>4</sup>, que teve como método os Grupos de Experiências (G.E’s) (OLIVEIRA, 2017), a partir do conceito de experiência de Larrossa (2002). Nos G.E’s eram discutidas questões étnico-raciais com professores e professoras da Escola Municipal José Alencar, situada em uma das comunidades quilombolas do município de Nordestina, junto a docentes de outras escolas da rede municipal.

Na área comunicacional, despertou a atenção para a Análise de Conteúdos (AC) (BARDIN, 2013) dos discursos midiáticos propagados por sites de notícias sobre as localidades. Ao todo, foram localizadas dezoito matérias, publicadas entre o ano de 2013 e julho de 2019. Porém, analisou-se as que se encaixavam nas categorias de análises: Miserabilidade, Criminalidade, Educação e Cultura.

Partindo do conhecimento levantado pelos GE’s de que tanto a miserabilidade quanto a criminalidade são estereótipos construídos pela população da sede do município acerca dos quilombolas, decidiu-se por verificar se tais estigmas estavam sendo propagados pela mídia local e regional.

A categoria Educação foi observada por conta da existência de uma escola construída em uma das comunidades e que atende a um público quase que totalmente quilombola. Enquanto Cultura foi escolhida por, em diálogo com estudantes locais, ter sido apontada como um fator “invisível” no universo midiático.

Durante a Análise dos Conteúdos, foi observado o fator de enquadramento (ROTHERBERG, 2010), a fim de verificar quais elementos estão sendo excluídos ou selecionados para serem veiculados pelos sites de notícias.

---

<sup>4</sup> O projeto foi coordenado por Iris Verena Oliveira, entre 2017 e 2018 e contou com a participação de: Barbara Anunciação, Bruno Freitas, Daniele Ferreira, Franklin Santos, Jamara Santos, Juliana Mutti, Milena Sant’Ana, Raiele Mota, Ronivaldo Almeida, Rosiler Santos e Taiuze Rosário.

## **QUILOMBO E IDENTIDADE: O AUTORRECONHECIMENTO**

O processo de reconhecimento das comunidades quilombolas é precedido pelo autorreconhecimento. Antes de qualquer órgão ou entidade intervir para que haja a titulação em determinado território, é imprescindível que os próprios moradores da comunidade se reconheçam como povo tradicional. Para terem seus territórios regularizados, as comunidades devem encaminhar uma declaração se identificando como quilombolas à Fundação Cultural Palmares – que expedirá uma Certidão de Autorreconhecimento – e encaminhará ao Incra<sup>5</sup> uma solicitação de abertura do processo de regularização (INCRA, 2016).

A construção da identidade quilombola perpassa a necessidade de lutar por terra (SCHMITT; TURATTI e CARVALLHO, 2002) não somente como um espaço físico. É a luta por território em meio à sociedade, por espaço cultural e social. Beatriz Nascimento coloca que “a questão econômica, apesar de ser *um* grande drama, não é o grande drama. O grande drama é o reconhecimento da pessoa, do homem negro que nunca foi reconhecido no Brasil” (ORI, 1989).

Fica evidente, portanto, que a invisibilidade da história do povo negro compromete diretamente a construção da identidade quilombola, fundamental para a luta por direitos. Entre os espaços que contribuem para essas ausências estão os meios de comunicação de massa, em especial, a imprensa, foco desse estudo.

## **MÍDIA, ESTEREÓTIPOS E RACISMO**

Os meios de comunicação, historicamente, têm reproduzido imagens sobre os quilombos que repetem os estereótipos construídos sobre a população negra em geral. O estereótipo é tido como uma simplificação falsa do modo de representar uma dada realidade porque é uma forma fixa que nega o jogo da diferença.

Homi Bhabha (2003), ao realizar uma análise sobre o discurso colonial dominante, ressalta que o estereótipo é a sua principal “estratégia discursiva”. Segundo Bhabha, trata-se de uma forma de identificação repetida ansiosamente, em conjunturas

---

<sup>5</sup> O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária é uma autarquia federal, que tem como missão prioritária executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional. [http://www.incra.gov.br/institucional\\_abertura](http://www.incra.gov.br/institucional_abertura)

---

históricas, que produz aquele “efeito de verdade probabilística”, usado a favor do dominador” (BHABHA, 2003, p.105).

Bhabha (2003) afirma ainda que “o estereótipo é sempre uma estratégia que visa fixar e reafirmar as diferenças culturais, estigmatizando o outro através de uma imagem congelada”. Para uma significação bem-sucedida, o estereótipo requer uma cadeia contínua e repetida de outros estereótipos. Sempre as mesmas histórias sobre um determinado elemento da identidade cultural devem ser contadas para garantir sua eficácia. Como veremos, os veículos midiáticos cumprem esse papel.

Ricardo Ferreira (2004) aponta que “os profissionais de imprensa que não estiverem preparados para coberturas jornalísticas sobre o segmento negro podem reforçar atos de racismo, discriminação e estereótipos, mesmo quando a linha editorial do jornal não for essa” (FERREIRA, 2004, p. 22). O pesquisador destaca que “o desafio é resgatar a cidadania desses grupos, denunciar os crimes de discriminação sem cair no estereótipo e ter como meta promover a justiça social” (FERREIRA, 2004, p. 27).

O modo com que a mídia constrói a imagem dos territórios quilombolas segue a mesma linha dos demais grupos da população negra – de maneira estereotipada, e até mesmo folclorizada. Tal folclorização dos quilombos torna-se uma arma “ágil, cortante, que demarca a fronteira entre a reflexão e o ensurdecimento, que distorce e estereotipa o outro, inibindo a ação transformadora” (LEITE, 1999, p. 125). A imprensa pode ser considerada um dos grandes meios de propagação de tais elementos.

O município de Nordestina está situado acerca de 300 km da capital Salvador. De acordo com o Censo 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população estimada de Nordestina é de 12.371 pessoas. A cidade possui 12 comunidades quilombolas com certidão de autoreconhecimento emitido pela Fundação Palmares, sendo elas: Bom Sucesso, Caldeirão, Comunidade Negra Rural de Lagoa da Salina, Caldeirão do Sangue, Grota, Lagoa da Cruz, Lagoa da Fumaça, Lagoa dos Bois, Lage das Cabras, Palha, Poças e Tanque Bonito. Segundo um levantamento desenvolvido por uma equipe contratada pela Lipari Mineração<sup>6</sup>, existe aproximadamente 240 famílias apenas em um subterritório denominado Sol Nascente,

---

<sup>6</sup> Lipari Mineração Ltda. é uma empresa brasileira de mineração privada, que possui e opera a Mina de Diamantes Braúna, situada no município de Nordestina, Estado da Bahia, Brasil.

---

que abriga as comunidades de Salinas, Poças, Palha e Grota. Essas famílias têm a agricultura como principal atividade de subsistência.

Por um período, outro meio de sobrevivência muito comum para aquela população era o cultivo e extração do sisal<sup>7</sup>. Entretanto, as relações estabelecidas entre os donos dos motores de sisal e os trabalhadores se aproximavam a um novo meio de escravização (SILVA E MOURA, 2014, p. 44). Aos poucos a cultura do sisal foi sendo ceifada na região, proporcionando uma piora ainda mais significativa na vida financeira de tantas pessoas que dependiam daquele sustento, tornando o desemprego algo “constante entre os homens economicamente ativos que residentes nas comunidades” (SILVA e MOURA, 2014, p. 44).

Estes aspectos da realidade local reverberaram no exercício dessa pesquisa, em meio aos Grupos de Experiência. Iris Verena Oliveira (2017) conceitua o G.E como

Cenário formativo cuja precipitação da arte solicita compreensão por parte dos envolvidos, frustrando expectativas, ampliando e alterando horizontes de mundo. Ou seja, desestabilizando-os em meio a situações propostas com algumas condições de possibilidades, mas sem garantias (OLIVEIRA, 2017, p. 4).

No G.E DO dia 21 de março de 2017, o professor João<sup>8</sup> diz o seguinte: “aos sábados quando batiam ali na porta pedindo esmola a pessoa não precisava dizer de onde era, sabia que era das Poças”. Essa fala elucida fortemente um dos discursos mais marcantes sobre aquela região: o status de miserabilidade.

Fiorin (2005) apresenta discurso como algo que se constrói nas relações sociais e externam pontos de vista de determinada pessoa ou grupo. Com isso, é possível considerar que a percepção que um grupo tem a respeito de outro é alicerçada mediante questões ideológicas edificadas no passar do tempo. Aransiola e Torquato apontam que

Conforme Bakhtin, a palavra, signo ideológico por excelência, ganha expressividade no enunciado. Um enunciado não pode nunca ser neutro pois é fruto das escolhas, da intenção do autor, e dos seus interlocutores. É no enunciado que a comunicação discursiva acontece (2017, p. 02).

---

<sup>7</sup> É uma planta utilizada como matéria-prima para diversas produções. É costumeiramente cultivada em regiões semi-áridas por ser resistente á aridez e ao sol intenso. No Brasil, os principais produtores são os estados da Paraíba e da Bahia. [https://www.cosibra.com.br/materia\\_prima.php](https://www.cosibra.com.br/materia_prima.php)

<sup>8</sup> Como forma de resguardar a identidade do sujeito que proferiu a fala, serão utilizados nomes fictícios para mencioná-los e identificá-los.

---

As comunidades quilombolas de Nordestina lidam com os discursos de cunho pejorativo que são reproduzidos sobre elas, o que chega a deturpar, inclusive, a visão que os quilombolas têm sobre si, como apresenta Iris Verena Oliveira (2017), relatando uma reunião com os pais de estudantes da Escola José de Alencar:

Na ocasião, uma mãe relatou uma pergunta que a estudante teria feito: “Mãe, ser quilombola é ser bicho?”. Atuante nos movimentos sociais da localidade, a mãe dividiu conosco a sua angústia diante da situação vivenciada por sua filha naquela instituição, indicando que as questões relacionadas às comunidades quilombolas não eram discutidas. O questionamento daquela criança evidencia a dificuldade em compreender o termo quilombola, visto como algo negativo, a partir de algumas pistas que emergiram de experiências naquele espaço. Naquela reunião, os adultos mostraram o seu incômodo com o tratamento recebido na sede do município.

A pesquisadora dá sequência ao relato, informando que toda aquela região é conhecida popularmente como Poças e que situações de violência são frequentemente associadas à localidade. “Jovens presentes naquela conversa relataram que costumam informar outro endereço, pois afirmar que mora nas Poças dificultaria o acesso ao crédito nas lojas e a oferta de emprego (OLIVEIRA, 2017, pp. 8-9).

No dia 05 de março e 04 de agosto de 2019, foram realizadas três entrevistas com moradores das comunidades de Palha e Salinas. Durante as conversas veio à tona o quanto os estereótipos criados e reforçados sobre aquelas localidades e seus moradores geram consequências.

A entrevistada Alice, 35 anos, moradora da comunidade de Palha, desabafa que, apesar do desejo deles de adquirir um emprego melhor, para que possam desfrutar de melhor qualidade de vida, o “pessoal da cidade” não os enxerga como ela e os demais moradores gostariam: *“muitas pessoas querem escravizar nós como negros”*.

A popularização dos sites e blogs jornalísticos na região, que costumeiramente noticiam situações de violência, entre outras dificuldades dos municípios, tornou-se mais um espaço em que estes discursos pudessem circular de maneira massiva.

Em 2017, foi estabelecido o contato, através dos G.E’s, com a Escola José Alencar, localizada na comunidade de Tanque Bonito, especialmente com professores e os estudantes das turmas de 5º ano da instituição, que tem a média de 11 anos.

No momento de diálogo, realizado com a turma do turno matutino, surgiu a seguinte discussão:

Pesquisadora: Vocês já viram algo na televisão sobre a comunidade de vocês?

Joana (estudante): Já

Pesquisadora: O que?

Joana: Quando assaltaram a mina Braúna.

O caso mencionado pela estudante refere-se ao assalto à mina de diamantes localizada na região, que gerou repercussão nacional.

Ainda abordando a temática sobre a forma com que tratam das comunidades, foi questionado acerca das tradições culturais existentes nas localidades. Uma das estudantes respondeu:

Cris: Tem uma roda de samba.

Pesquisador: E vocês veem isso na televisão ou em algum site famoso?

Pedro: Não. A gente só vê coisa de carnaval, aquelas mulheronas dançando.

A professora da turma, que também se fez presente no G.E, indagou:

Professora: Mas daqui da comunidade, vocês veem a realidade de vocês na televisão?

Alunos: Não.

Pesquisadora: Mas vocês gostariam de falar sobre vocês?

Luiza(estudante): Não

Pesquisadora: Por que?

Luiza (estudante): Porque é ruim.

A partir desses relatos, surgiu a necessidade de perceber como as comunidades quilombolas de Nordeste aparecem nos sites de notícias locais e regionais. A pesquisa foi realizada mediante um mapeamento das notícias veiculadas que obtinham em seus textos o nome de uma ou mais localidades. Foram localizadas 18 notícias, entre 2013 e julho de 2019, a partir das seguintes palavras-chave: “Poças – Nordeste”, “Lagoa dos Bois”, “Palha – Nordeste”, “Tanque Bonito – Nordeste”, e “Lagoa das Salinas”.

As matérias localizadas têm o seu conteúdo relacionado a: casos de criminalidade; situação de miserabilidade; projetos econômicos/sociais que envolvem os moradores; educação; acidentes; e ações ligadas à gestão do município.

Foi utilizado o conceito de Análise de Conteúdo de Bardin (2011):

O termo designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) da mensagem (BARDIN, 2011, p. 47 apud CÂMARA, 2013, p. 182).

---

O conteúdo das matérias é também analisado a partir do conceito de enquadramento no jornalismo, apresentado por Danilo Rotheberg (2010), como uma ideia central que organiza a realidade a partir de certos eixos de apreciação selecionados pelos veículos. “Construído por meio de operações como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, compondo perspectivas gerais para a compreensão de acontecimentos e situações cotidianas” (ROTHERBERG, 2010, p. 23).

A análise será apresentada obedecendo à ordem cronológica das notícias.

## **ANÁLISE DO CONTEÚDO VEICULADO PELOS SITES**

### **A. “Policial: ações da CIPE Caatinga na região”**

A página a qual a manchete se refere traz duas matérias, ambas publicadas em 1º de setembro de 2015, referentes a uma operação policial da CIPE - Caatinga, que segundo a matéria, fora realizada entre os dias 30 e 31 de agosto de 2015. Apenas a primeira matéria refere-se a um fato ocorrido em alguma das comunidades quilombolas de Nordestina, Poças, e tem como título: “*CIPE-Caatinga efetua prisão por ameaça e porte de arma em Nordestina*”. A reportagem traz como “ilustração”, a foto do homem apreendido, que além de algemado é posto para segurar a arma que seria dele. O indivíduo, segundo a matéria, seria um morador da comunidade de Poças, e que estaria ameaçando um morador de outra localidade da zona rural do município. Apesar de mencionar o nome da possível vítima, a reportagem só apresenta a versão policial, tendo como fonte indireta o delegado civil responsável pelo caso, assim como o número do Boletim de Ocorrência (B.O).

O blog que veiculou a matéria aqui analisada não apresenta informações sobre os responsáveis pela produção do texto, tampouco pelo veículo.

### **B. “Quatro elementos são presos pela polícia durante operação”**

A matéria publicada em 16 de março de 2017 descreve a prisão de quatro jovens durante uma operação, que segundo a própria reportagem recebera o nome de “Operação Poças”. Após nomear a operação, o redator justifica a nomenclatura com as seguintes palavras: “já que na citada localidade vários indivíduos se reúnem para acertar



---

e combinar assaltos no município e região”. Em nenhuma parte do texto é utilizada alguma fonte para corroborar com essa justificativa acerca da região. Nem números de ocorrências, nem fala oficial sobre a situação de (in)segurança da localidade. Também não há uma explicação dos órgãos de segurança sobre as motivações para escolha do nome da operação.

O único vestígio de fonte da matéria diz respeito ao delegado responsável pelo caso, que segundo a notícia, afirma que vários outros casos serão desvendados em consequência da prisão de um dos envolvidos no assalto.

O site que veiculou a matéria ([portaldenoticias.net](http://portaldenoticias.net)) também não dispõe de informações acerca dos responsáveis pelo site nem pela matéria.

### C. “Nordestina: drama da seca expõe famílias a um quadro de miséria total”

Essa notícia, publicada no dia 16 de abril de 2013, no site [interiordabahia.com.br](http://interiordabahia.com.br) assemelha-se em grande parte com a seguinte: “7,6% das famílias do município de Nordestina estão morrendo de fome, diz Tribuna da Bahia”<sup>9</sup> encontrada no [portaldenoticias.net](http://portaldenoticias.net). Ambas utilizam como fonte Pedro Oliveira, a serviço da [tribunadabahia.com.br](http://tribunadabahia.com.br). Existem algumas diferenças no decorrer das matérias. Nas primeiras linhas da reportagem do portal Interior da Bahia já podemos notar uma espécie de metáfora, para reafirmar a situação de miserabilidade vivenciada na região: a comparação com a Somália. O uso desse recurso destaca a situação de pobreza do país. A forma com que o redator descreve a situação denota uma característica muito comum a alguns jornais: o sensacionalismo<sup>10</sup>, que de certo modo acaba por deturpar a imagem das localidades citadas na metáfora.

Podemos considerar que esse é mais um traço de que “a África que os brasileiros conhecem é de uma visão estereotipada, resultado das informações que recebem da

---

<sup>9</sup> Tribuna da Bahia é um jornal fundado em 1969, que circula em boa parte do estado, podendo suas reportagens serem reproduzidas por veículos menores do interior do estado que não possuem a mesma estrutura de equipe para apuração e reportagem.

<sup>10</sup> Um tipo de jornalismo que se utiliza de recursos para “fiscar” o leitor, como considera Danilo Angrimani (1995 apud SELIGMAN, 2010), recursos estes muitas vezes dotados de exageros.

---

mídia, o que influencia na identidade do negro. Esse discurso contribui para a fixação desses estereótipos” (ARANSIOLA e TORQUATO, 2017, p. 6).

As matérias, apesar de carregarem títulos diferentes, buscam deixar claro desde o início qual a sua abordagem principal: a miséria enfrentada por famílias da cidade de Nordestina. Mesmo englobando o município como um todo, a escrita trata apenas de duas regiões rurais do município. Uma delas é a comunidade de Palha, pertencente à área quilombola, tida no texto como *“um exemplo, onde moram várias famílias esquecidas pela sociedade”*. As reportagens trazem depoimentos das famílias que estavam imersas à realidade focada pelo texto, além de entrevistar a secretária de Assistência Social do município à época.

O site *Interior da Bahia* não pôs nenhuma fotografia ilustrando a matéria. Enquanto o *portaldenoticias.net* traz a imagem de uma mulher, com uma criança, supostamente em sua casa. Não há informações na matéria ou no rodapé que esclareçam se a veiculação da imagem da criança fora autorizada pelos pais. Além de não deixar claro se a mulher e a criança apresentadas na fotografia são moradoras de alguma das comunidades ou personagens da matéria. Esta matéria também não apresenta o nome do autor.

#### **D. “Em Monte Santo e Nordestina, comunidades relatam desrespeito à sua forma de vida”**

A matéria foi publicada no dia 03 de maio de 2016 e foi escrita mediante uma visita feita pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) às comunidades tradicionais de assentamento e fundo de pasto do município de Monte Santo/Bahia, bem como das comunidades Ribeirinhas e às 12 comunidades quilombolas de Nordestina. Sobre as comunidades quilombolas, o texto apresenta duas realidades enfrentadas: o desrespeito ao território provocado pela mineradora que atua nas proximidades e à religiosidade de matriz africana, que segundo a matéria, segue sendo desrespeitada por membros de igrejas cristãs. Duas situações que de fato precisam ser denunciadas.

A CPT é apresentada como fonte da matéria, e a fotografia presente na matéria não possui legenda, nem sequer localiza onde fora tirada, sendo necessário já que a matéria trata de dois municípios diferentes, envolvendo diversas comunidades.

**E. “Para onde vão as riquezas dos diamantes de nordestina?”**

A matéria de 25 de setembro de 2017 traz uma espécie de denúncia do que ocorre nas proximidades das comunidades quilombolas de Nordestina, em que se localiza a mineradora Lipari. A matéria não deixa claro a sua fonte, porém cita que parte das informações foram colhidas em visitas feitas por entidades – que não são identificadas pela redatora Maria Aparecida de Jesus Silva – um mês antes da publicação.

Durante o texto, a redatora situa o leitor com uma citação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a respeito do que vem a ser quilombola. Isso pode ser considerado uma contextualização que ajuda ao leitor entender o fato. Outro dado importantes na matéria é o fato de, apesar das comunidades terem direitos reconhecidos, a elas esses direitos não estão garantidos.

Outra característica apresentada pela autora é: “a situação de violência e insegurança em algumas das comunidades.”, que segundo ela, é alarmante. Bem como, os altos índices de concentração de terra no município e o incômodo que a mina de diamante tem causado aos moradores das comunidades, no que tange à perda de sossego, rachadura nas casas e cisternas, barulho, problemas respiratórios e na pele, entre outros, que conforme a autora tem provocado “uma piora na qualidade de vida”.

O texto traz duas imagens como ilustração, que segundo a legenda de uma delas, refere-se a uma área explorada pela mineradora, porém, no espaço da fonte só consta como “reprodução”. Outra ausência de fonte também é notada em números e demais informações citadas no decorrer do texto.

**F. “Devolutiva mais educação, CAT e projeto Consciência Negra”**

A matéria construída em poucas linhas fora publicada pelo palestrante convidado para o evento, no seu próprio site, Pastor Ruy Matos, então secretário de Cultura,

---

Esporte, Lazer e Turismo do município. Segundo a matéria, a palestra tratou sobre Racismo e Consciência Negra.

Em toda a reportagem, percebe-se a ausência dos termos *quilombo* e *quilombolas*, ainda que o texto reporte a uma comemoração ao Dia da Consciência Negra, e a mesma tendo sido realizada na Escola que atende em sua grande maioria o público quilombola e está localizada na comunidade de Tanque Bonito, uma das 12 comunidades quilombolas do município.

O que faz o comunicador, que esteve presente no evento, além de ter ministrado a palestra sobre consciência negra e racismo, numa comunidade quilombola, não deixar isso explícito na matéria? Um enquadramento que tenta silenciar essa autoafirmação.

## PANORAMA DAS ANÁLISES

Nas matérias supracitadas, em especial as ligadas à criminalidade, é possível perceber os interesses comerciais do jornal evidenciados, por exemplo, no uso da fotografia do sujeito acusado de cometer o crime, a espetacularização da imagem do indivíduo para garantir mais audiência ao veículo (PINHEIRO, 2014).

Outro elemento observado foi a exposição da imagem do preso, antes mesmo do julgamento, e nestes casos analisados, são homens negros tendo suas faces expostas. O que favorece o que a socióloga Vilma Reis (2005) chama de “delito da cor”, que é quando os indivíduos negros, geralmente pobres, são tornados suspeitos padrão pela polícia e pelo Estado. Esta exposição do homem negro corrobora com o estereótipo do *negro-ladrão*, pois segundo Reis (2005), “Esse suspeito padrão, idealizado pelos policiais, é um jovem, negro, pobre, residente nos bairros populares, muitas vezes subempregado e filho de uma mãe solteira negra” (REIS, 2005, p. 226).

A fotografia também pode ser considerada um meio de exploração da miserabilidade. Como já apresentado, em uma das reportagens há a imagem de uma mulher com uma criança, evidenciando a situação. Apesar de grande parte das matérias trazerem as denúncias num tom um tanto sensacionalista, percebe-se que uma se destaca por apresentar algumas queixas dos moradores, cumprindo a função social do jornalismo. Nas matérias da categoria miserabilidade, três utilizaram linguagens com

---

espécie de metáfora, desde os títulos, e esses já provocam inicialmente impacto ao leitor, como por exemplo, com o uso de: “*miséria total*” e “*estão morrendo de fome*”, estão nos títulos das reportagens.

Causou estranheza na análise dos conteúdos que apenas uma matéria aborde a Educação. Contudo, a pequena matéria em momento algum situa a região em que se trata. O enquadramento escolhido faz com que a identidade local quilombola não tenha visibilidade, ainda que o redator destaque aquele evento como “uma manhã muito especial para a história da negritude brasileira na cidade de Nordestina”.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em uma das entrevistas realizadas com moradores das comunidades foi questionado a um deles acerca das reportagens produzidas por *sites* de notícias, se eles têm acesso a essas reportagens, e de que modo sentem-se ao perceberem a forma com alguns sites noticiam os casos. O morador afirma que “nem todo mundo tem acesso à internet, mas têm pessoas que leem, e quando acessam essas notícias e repassam pros demais, ficam todos chateados, ninguém gosta da forma que são trazidas essas demandas”.

Após todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa, é necessário apontar não somente o que fora escrito pelos sites de notícias, como também o que não é apresentado por estes veículos.

É necessário considerar o enquadramento (ROTHERBERG, 2010) realizado pelos veículos, que escolhem por veicular maciçamente notícias ligadas à miserabilidade e à criminalidade do que apresentar a cultura da região. Desse modo, compreende-se porque uma criança considera que falar sobre si é ruim.

Vale retornar ao contexto da “roda de samba” mencionada pelas crianças pertencentes às comunidades, que aparece rapidamente em uma das matérias, e merecia mais ênfase, além de outras expressões culturais existentes naquela região, e que não são “enxergadas” pela mídia. É necessário recordar que apenas uma matéria trata de algo ligado à Educação, mesmo que a região disponha de uma escola criada e mantida de modo especial para aquele público, e que realiza atividades com frequência.

Outro ponto verificado é que a versão policial é a protagonista nas matérias que retratam acontecimentos ligados à criminalidade, não dando espaço à outra parte envolvida para que a sua versão seja contada, fazer valer o compromisso do jornalismo com o contraditório.

A respeito das questões ligadas à miserabilidade, considera-se pertinente defender que seja possível que os veículos midiáticos evidenciem a realidade daquela população sem fazer o uso do modelo sensacionalista, sem expor a imagem dos moradores de maneira exacerbada e com um discurso único de miséria.

A fim de buscar a reversão desse cenário de estereótipos e visões deturpadas acerca dos moradores das comunidades quilombolas, sugere-se a Comunicação Comunitária ou Alternativa (PERUZZO, 2009), como meio possível de divulgação e propagação dos moradores, feita por eles mesmos, expressando o que de fato há nas localidades, desconstruindo gradativamente ideias que perduram há décadas, apresentando outro olhar: aquele de quem de fato vive a comunidade, de quem sente cotidianamente o que é ser quilombola no Território do Sisal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANSIOLA, Tope. J; TORQUATO, C. P. **Os discursos sobre a África presentes na mídia brasileira**. In: 15º Encontro conversando sobre extensão, 2017, Ponta Grossa. Anais do 15º Conex, 2017. v. 15. p. 1-7.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. In CÂMARA, Rosana Hoffman. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais**, Brasília, 2013.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2º ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

FERREIRA, Ricardo Alexino. **Quando a imprensa branca fala da gente negra: a visão eurocêntrica na cobertura de afrodescendentes**. In: CARRANÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva. **Espelho Infiel: negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa oficial SP, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática 2005.

---

Fundação Cultural Palmares. Disponível em: < [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=52126](http://www.palmares.gov.br/?page_id=52126)>  
Acessado em: 25 de Novembro de 2018.

INCRA. Incra/RN avança na regularização da comunidade Quilombola Pavilhão. Disponível em: < <http://www.incra.gov.br/noticias/incrarn-avanca-na-regularizacao-da-comunidade-quilombola-pavilhao>> acessado em: 30 de ago. 2019.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, 2002.

LEITE, Ilka Boaventura. **Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização?** Horizontes Antropológicos, v. 5, n. 10, p. 123-149, 1999.

OLIVEIRA, Iris Verena. **Negro é o outro: Formações pela experiência e invenções de si.** 2017. No prelo.

OLIVEIRA, Iris Verena. **Ser quilombola no território do sisal: experiência, formação e práticas curriculares no espaço escolar.** Salvador, 2017.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço.** Galáxia, n. 17, p. 131-146, 2009.

PINHEIRO, Paulo Roberto Meyer. **O efeito da exposição da imagem do preso pela mídia à luz da constituição Federal,** 2014.

REIS, Vilma. **Atucaiados pelo Estado: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações (1991-2001).** Salvador, 2005.

ROTHERBERG, Danilo. **Jornalismo e informação pela democracia.** In Christofletti, Rogério (org.). **Vitrine e Vidraça: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo.** Beira: LabCom, 2010.

SANTANA FILHO, Diosmar M.; GERMANI, Guiomar Inez; GIUDICE, Dante. **O Estado Nacional e a População Negra: Relação Espaço e Tempo para os Territórios Étnicos.** Espaço Aberto, v. 3, n. 1, p. 155-172, 2013.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; DE CARVALHO, Maria Celina Pereira. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas.** Ambiente & Sociedade, n. 10, p. 1-8, 2002.

---

SILVA, Virginia de Cerqueira; MOURA, Hemógenes. **Levantamento antropológico e etnohistórico**: empreendimento Braúna 3/ Lipari Mineração. 2014.

## FILMES

ORÍ. Direção: Raquel Gerber. Produção Executiva por Ignácio Gerber. Produtora: Angra Filmes. 93 min. 50 seg. 1989, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BmL7ufRfJ5E>. > Acessado em: 30 de outubro de 2018.

## MATÉRIAS ANALISADAS

“**Quatro Elementos São presos pela policia durante operação em Nordestina**” Disponível em: <<https://www.portaldenoticias.net/quatro-elementos-sao-presos-pela-policia-durante-operacao-em-nordestina/>> Acessado em: 05 de maio de 2018

“**Nordestina: Drama da seca expõe famílias a um quadro de miséria total**”. Disponível em: <<http://www.interiordabahia.com.br/2013/04/16/nordestina-drama-da-seca-expoe-as-familias-a-um-quadro-de-miseria-total/>> Acessado em: 05 de maio de 2018.

“**Policial: Ações da CIPE-CAATINGA na região**”. Disponível em: <<http://blogdonettomaravilha.com.br/policial-acoes-da-cipe-caatinga-na/>> Acessado em: 05 de maio de 2018

“**Para onde vão as riquezas dos diamantes de Nordestina?**” Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/09/25/para-onde-vao-as-riquezas-dos-diamantes-de-nordestina/>> Acessado em: 06 de maio de 2018

“**7,6% das famílias do município de Nordestina estão morrendo de fome, diz Tribuna da Bahia**”. Disponível em: <<https://www.portaldenoticias.net/em-monte-santo-e-nordestina-comunidades-relatam-desrespeito-sua-forma-de-vida/>>. Acessado em: 06 de maio de 2018.

“**Devolutiva Mais Educação, CAT e Projeto Consciência Negra**”. Disponível em: <<http://www.afolhadenordestina.jex.com.br/noticias+de+nordestina/+devolutiva+mais+educacao+cat+e+projeto+consciencia+negra+/>> Acessado em: 06 de maio de 2018